



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/11/2019 a 14/11/2019

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²**

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/11/2019	9,19	304,90	31,50	5,10	3,77
11/11/2019	9,05	300,60	31,42	5,05	3,73
12/11/2019	9,05	302,30	31,03	5,17	3,77
13/11/2019	9,02	304,10	30,53	5,09	3,75
14/11/2019	9,00	303,10	30,78	5,07	3,75
Média	9,06	303,00	31,05	5,10	3,75

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho= 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	86,25	2,07
RS - Santa Rosa	86,25	2,37
RS - Ijuí	86,25	2,37
PR - Cascavel	85,31	1,50
MT - Rondonópolis	83,63	2,17
MS - Ponta Porã	84,75	1,99
GO - Rio Verde (CIF)	81,75	0,68
BA - Barreiras (CIF)	81,00	2,02
MILHO		
Argentina (FOB)**	164,25	-0,45
Paraguai (FOB)**	122,50	0,00
Paraguai (CIF)**	170,00	0,24
RS - Erechim	44,25	1,72
SC - Chapecó	42,25	1,56
PR - Cascavel	39,13	0,45
PR - Maringá	39,31	0,93
MT - Rondonópolis	34,00	5,26
MS - Dourados	35,25	2,92
SP - Mogiana	43,25	3,72
SP - Campinas (CIF)	45,50	4,48
GO - Goiânia	37,50	2,74
MG - Uberlândia	41,50	2,22
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	715,00	0,00
RS - Santa Rosa	715,00	0,00
PR - Maringá	876,25	1,89
PR - Cascavel	865,00	1,76

Período: 14/11/2019

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/11/2019

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	34,60	78,69	38,25

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/11/2019

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	45,22
Feijão (saco 60 Kg)	140,31
Sorgo (saco 60 Kg)	27,83
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,70
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,27**
Boi gordo (Kg vivo)*	5,48

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Outubro - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago recuaram nesta semana, chegando ao piso dos US\$ 9,00/bushel, algo que não era visto desde o final de setembro. O fechamento desta quinta-feira (14/11) ficou em exatos US\$ 9,00/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 9,25 uma semana antes.

A semana até iniciou bem, com notícias favoráveis sobre o acordo comercial entre EUA e China e a boa performance das exportações dos EUA em soja. Todavia, no transcorrer da mesma a situação foi se degradando e o mercado foi cedendo.

Em relação ao acordo comercial EUA-China, os dois países teriam concordado em retirar tarifas aplicadas por ambos. Porém, há dúvidas quanto a assinatura desta “Fase Um” do acordo. Não há nova data e local definidos, após o cancelamento da reunião da APEC no Chile. Ao mesmo tempo, mais da metade dos analistas internacionais começam a acreditar que o litígio comercial irá mesmo até 2021, consolidando a estratégia chinesa de esperar o resultado das eleições presidenciais estadunidenses, que ocorrerão em novembro de 2020. Diante disso, o mercado entrou em modo “cautela” em relação ao dito acordo, fato que repercutiu nas cotações da soja e outros produtos.

Por sua vez, as exportações líquidas de soja, por parte dos EUA, foram boas na semana encerrada em 31/10, atingindo a 1,8 milhão de toneladas. Esse volume representa 41% acima da média das quatro semanas anteriores. A China foi o maior comprador com 956.300 toneladas. O volume total semanal superou as expectativas do mercado.

Mas o clima favorável para o avanço da colheita nos EUA, assim como os números do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 08/11, esfriaram a motivação exportadora.

De fato, a colheita de soja nos EUA chegou a 85% da área no dia 10/11, contra 92% na média histórica para esta época, registrando um bom avanço sobre a semana anterior.

Por outro lado, o relatório do USDA não confirmou as expectativas de redução de produção da safra estadunidense e manteve a estimativa de produção local em 96,6 milhões de toneladas, aumentando os estoques finais para 12,9 milhões de toneladas em 2019/20. Já a produção mundial foi levemente reduzida para 336,6 milhões de toneladas, com estoques finais globais sem alteração, ou seja, em 95,4 milhões de toneladas. A futura produção brasileira está projetada em 123 milhões de toneladas, a da Argentina em 53 milhões e a do Paraguai em 10,2 milhões de toneladas. As importações chinesas de soja foram mantidas em 85 milhões de toneladas. Estes números acabaram ajudando a reduzir as cotações em Chicago durante a semana.

Na prática, os grandes exportadores se inquietam com a demora para a finalização do acordo comercial entre EUA e China, fato que impede exportações de soja estadunidense mais expressivas para o país oriental, em um momento em que o plantio da nova safra sul-americana acontece e projeta uma safra recorde.

No Brasil, o relativo fracasso dos leilões do “pré-sal” impediu a entrada de dólares de forma mais expressiva no país, ao mesmo tempo em que as indefinições comerciais entre EUA e China causam desvalorização das moedas emergentes. Soma-se a isso os grandes distúrbios sociopolíticos na América Latina e temos um quadro de forte desvalorização do Real. Durante a semana a moeda brasileira bateu no seu segundo nível mais desvalorizado da história, ao atingir R\$ 4,18 por dólar.

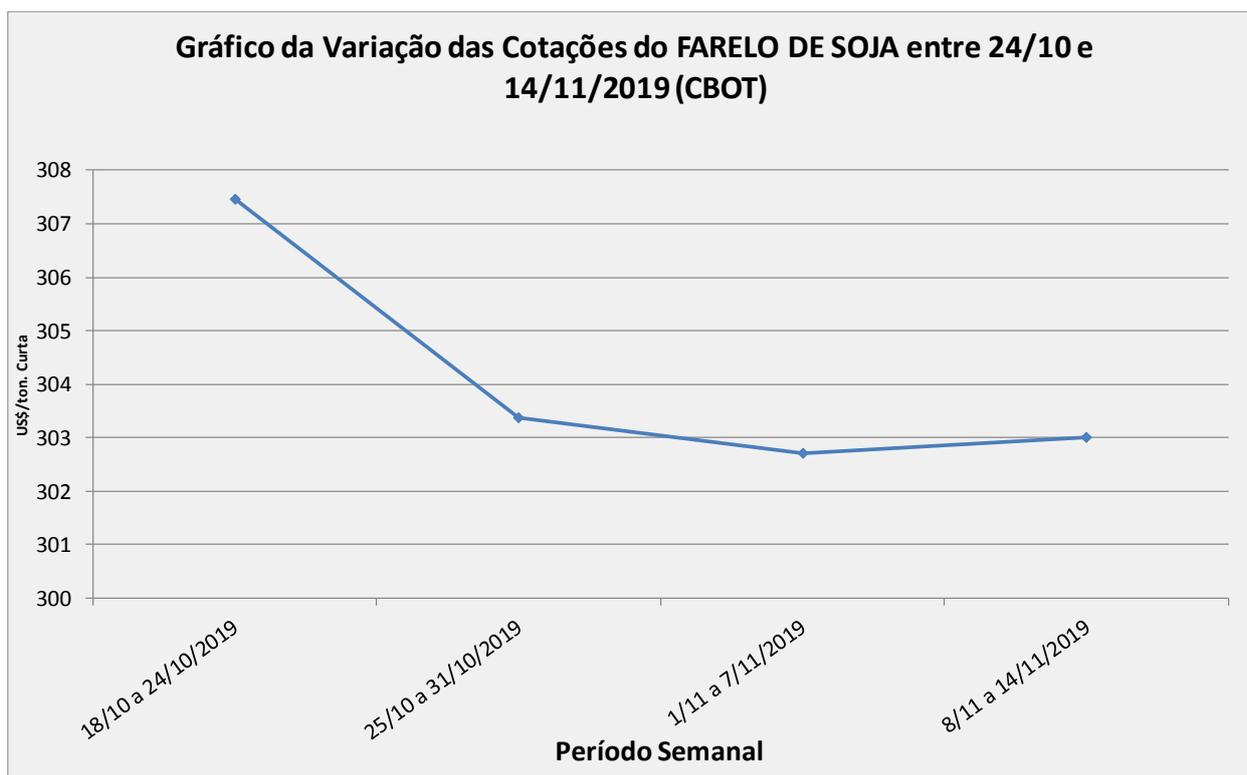
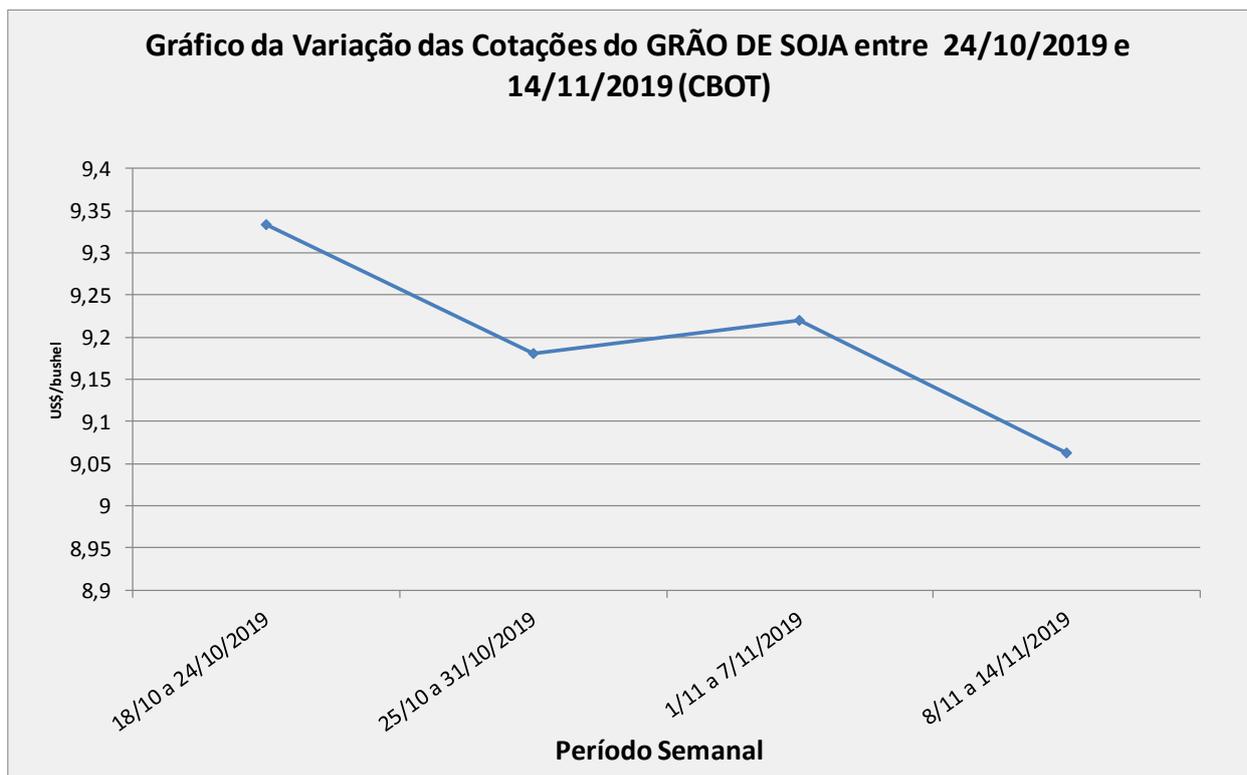
Esta situação acabou alavancando os preços internos da soja, na medida em que o recuo em Chicago foi relativamente baixo e os prêmios nos portos brasileiros se recuperaram um pouco, na esteira das indefinições sobre o acordo sino-estadunidense, fechando a semana entre US\$ 0,85 e US\$ 1,00/bushel.

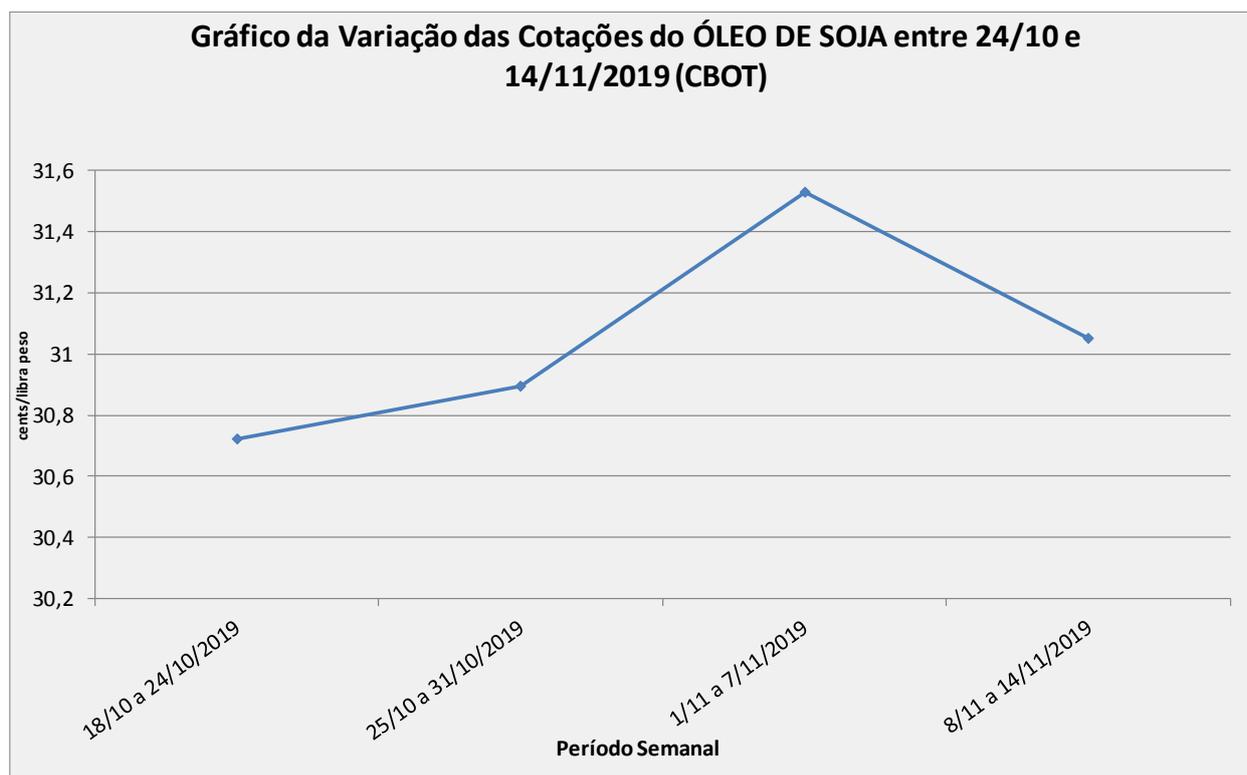
Assim, o balcão gaúcho voltou à média de R\$ 78,69/saco nesta semana, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 86,00 e R\$ 86,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 78,00 em Sorriso (MT) e R\$ 84,00 em Campos Novos (SC), passando por R\$ 86,00 no centro e norte do Paraná; R\$ 77,50 em São Gabriel (MS); R\$ 78,50 em Goiatuba (GO); R\$ 75,00 em Pedro Afonso (TO); e R\$ 77,00/saco em Uruçuí (PI).

O plantio da nova safra nacional de soja atingia a 55% da área em 08/11, contra 56% na média histórica para esta data. Já comercialização da última safra chegava a 95% do total em 08/11, contra 96% na média histórica. Por fim, a comercialização antecipada da futura safra de soja atingia a 35% do total previsto, contra 27% na média histórica, demonstrando que os produtores consideram os preços aceitáveis e estão vendendo para cobrir os custos de produção. Em termos estaduais, em relação a média histórica, nenhum Estado produtor se encontra abaixo da mesma quanto a venda futura. Até mesmo o Rio Grande do Sul, geralmente mais conservador, indicava 17% já vendido, contra 15% na média. Dos quatro principais Estados produtores nacionais, o que mais vendeu foi Goiás com 45%, seguido do Mato Grosso com 42%. (cf. Safras & Mercado)

Vale ainda destacar que a Conab, em seu segundo levantamento de safra, projeta uma colheita nacional de soja, para 2019/20, em 120,9 milhões de toneladas. Lembramos que este número fica abaixo dos 123 milhões projetados pelo USDA e dos 125,7 milhões de toneladas apontados pela iniciativa privada, no caso, Safras & Mercado.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 24/10/2019 a 14/11/2019.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago ficaram estáveis durante a semana. O fechamento desta quinta-feira (14/11) ficou em US\$ 3,75/bushel, para o primeiro mês cotado, o mesmo valor de uma semana antes.

Apesar de o relatório do USDA, anunciado no dia 08/11, ter apresentado redução nas safras dos EUA e mundial de milho, as cotações não se alteraram significativamente.

Efetivamente, o relatório apontou uma colheita de milho nos EUA em 347 milhões de toneladas, com redução de três milhões sobre o anunciado em outubro. Entretanto, os estoques finais praticamente não se alteraram, ficando em 48,5 milhões de toneladas. Já em termos globais, a produção esperada para 2019/20 atinge a 1,102 bilhão de toneladas, com recuo de dois milhões sobre outubro. Neste caso, os estoques finais mundiais perderam seis milhões de toneladas, ficando agora projetados em 296 milhões de toneladas. A safra brasileira está estimada em 101 milhões e a da Argentina em 50 milhões. As exportações brasileiras foram corrigidas para cima, ficando agora em 36 milhões de toneladas.

Afora isso, as preocupações com o clima frio no Meio Oeste estadunidense alimentaram a especulação sobre perdas nas lavouras de milho locais. Entretanto, a melhoria do clima neste final de semana acabou modificando o quadro e os preços se estabilizaram.

Dito isso, a colheita, até o dia 10/11, atingiu a 66% da área total, contra 85% na média histórica para a data. A mesma, portanto, continua atrasada, porém, a melhoria do clima tende a acelerar tal colheita para esta próxima semana.

Na Argentina, a tonelada Fob de milho ficou em US\$ 165,00, enquanto no Paraguai a mesma permaneceu em US\$ 122,50.

E no Brasil, os preços do milho estabilizaram. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 34,60/saco, enquanto os lotes giraram entre R\$ 42,00 e R\$ 43,50/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram entre R\$ 30,50/saco em Campo Novo do Parecis e Sapezal (MT) e R\$ 46,00/saco em Itanhandu (MG), passando por R\$ 45,00 em Alfenas (MG) e R\$ 42,00/saco no centro e oeste de Santa Catarina.

As chuvas retornaram na maioria das regiões do Centro-Sul brasileiro, facilitando o plantio da safra de verão, atrasado pela seca que atingia boa parte da região. Mas a dúvida é se as mesmas serão suficientes para recuperar as lavouras e em quanto o plantio em atraso poderá prejudicar a produtividade final das lavouras.

Assim, continuam as preocupações para com a oferta de milho para os primeiros meses de 2020. Especialmente porque as exportações continuam firmes, sobretudo agora que o Real voltou a atingir recordes de desvalorização na semana. Por outro lado, as fortes altas de preços no Mato Grosso não permite valores mais baixos em São Paulo, por exemplo. Neste contexto, os produtores locais da safrinha voltaram a frear suas vendas.

Desta forma, a oferta de milho é baixa em São Paulo, fato que levou o preço no interior a valores entre R\$ 40,00 e R\$ 41,50/saco, enquanto o CIF Campinas bateu em R\$ 45,00/saco.

Quanto as exportações, os registros de embarque em navios apontam mais de 4 milhões de toneladas a serem exportadas em novembro pelo Brasil. Neste ritmo, o país poderá atingir até 40 milhões de toneladas exportadas no final do ano comercial em 31 de janeiro próximo.

Nos primeiros seis dias úteis de novembro o país exportou 1,26 milhão de toneladas a um preço médio de US\$ 177,10/tonelada. Ao câmbio deste final de semana, isso equivale a cerca de R\$ 44,42/saco.

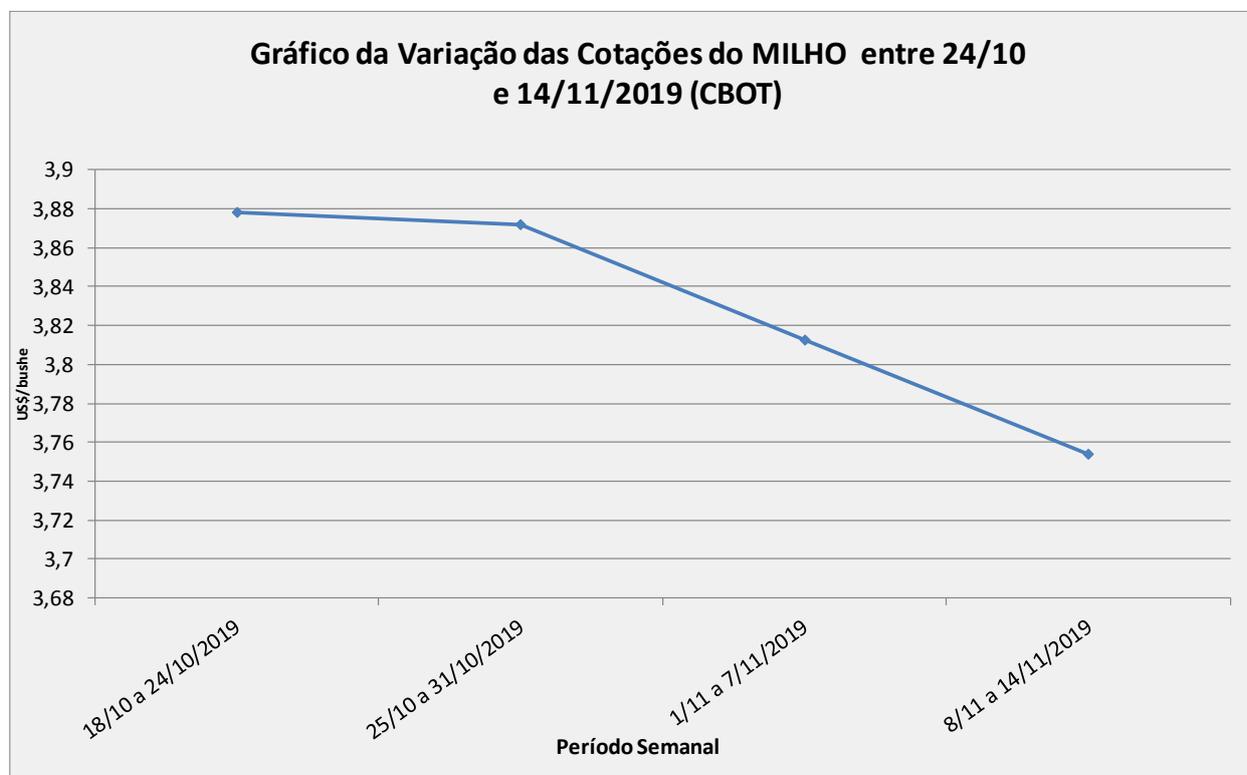
Neste contexto, o mercado voltou a se concentrar na decisão de venda do produtor da safrinha, sem esquecer que os problemas climáticos do segundo semestre devem comprometer a oferta da safra de verão no início do próximo ano. Esta realidade do mercado interno volta a gerar descolamento entre os preços locais e os valores de exportação, favorecendo a comercialização do milho no mercado interno. Mesmo assim, as exportações, como vimos, continuam firmes.

Enfim, o plantio da safra de verão no Centro-Sul brasileiro, até o dia 08/11, atingia a 76% da área, contra 79% na mesma época do ano anterior. Há atrasos consideráveis no Mato Grosso do Sul e São Paulo, e um pouco menos em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás/DF.

Os estoques finais do atual ano comercial estão previstos em pouco mais de 14 milhões de toneladas, considerando exportações de 36 milhões. Ora, se as vendas externas chegarem a 40 milhões de toneladas, os estoques recuariam para 10 milhões

de toneladas, sendo os mais baixos desde 2016, quando atingiram a 5,7 milhões de toneladas. (Cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 24/10/2019 a 14/11/2019.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago oscilaram bastante durante a semana e acabaram fechando a mesma em baixa. Assim, o fechamento do primeiro mês cotado em Chicago, no dia 14/11 (quinta-feira), ficou em US\$ 5,07/bushel, contra US\$ 5,12 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado em 08/11, não trouxe grandes novidades para o cereal. A produção dos EUA foi reduzida em um milhão de toneladas, ficando agora estimada em 52,3 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais recuaram para 27,6 milhões. Já a produção mundial de trigo foi mantida em 765,6 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais foram aumentados para 288,3 milhões de toneladas. A produção da Argentina foi mantida em 20 milhões de toneladas, a da Austrália foi reduzida para 17,2 milhões, a do Canadá mantida em 33 milhões, a da Rússia aumentada para 74 milhões de toneladas, e a da Ucrânia fixada em 29 milhões de toneladas, enquanto a do conjunto da união Europeia foi elevada para 153 milhões de toneladas. O Brasil, por sua vez, deverá produzir 5,3 milhões, tendo que importar cerca de 7,7 milhões de toneladas.

Por outro lado, o plantio do trigo de inverno, nos EUA, atingia, até o dia 10/11, um total de 92% da área esperada, ficando exatamente dentro da média histórica.

Por sua vez, as vendas líquidas de trigo por parte dos EUA, na semana encerrada em 31/10, atingiram a 360.600 toneladas, o que significa um recuo de 14% frente à média das quatro semanas anteriores. Tal volume ficou um pouco acima do limite mínimo esperado pelo mercado. Já as inspeções de exportação somaram 528.875 toneladas na semana encerrada no dia 07/11. O volume ficou acima do esperado pelo mercado. No acumulado do ano comercial 2019/20, iniciado em 1º de junho, o total chega a 11,5 milhões de toneladas, contra 9,3 milhões em igual momento do ano anterior.

No Mercosul, a tonelada FOB de trigo para exportação registrou valores entre US\$ 180,00 e US\$ 230,00, enquanto a safra nova argentina permaneceu em US\$ 180,00, ambos na compra.

E no Brasil, os preços do trigo melhoraram durante esta semana. A média gaúcha subiu para R\$ 38,25/saco, enquanto os lotes seguiram em R\$ 42,00/saco. No Paraná, o balcão subiu para R\$ 46,00/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 52,80 e R\$ 54,00/saco. Em Santa Catarina, o balcão ficou entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, registraram R\$ 47,40/saco.

A colheita avança no Rio Grande do Sul, com a mesma chegando ao redor de 75% da área, apesar de novas chuvas na segunda metade desta semana. Entretanto, devido ao excesso de chuvas, granizo e temporais, a qualidade da mesma está parcialmente comprometida, não sendo ainda possível avaliar totalmente a extensão dos estragos. Por outro lado, o Paraná já teria 95% de sua área colhida. Também aqui houve estragos importantes devido à geadas em julho/agosto.

Analistas privados avançam uma produção semelhante a do ano anterior, ou seja, ao redor de 5,5 milhões de toneladas. Entretanto, setores externos e entidades dos produtores chegam a avançar um total nacional de 5,3 milhões nesta safra. O Rio Grande do Sul colheria 1,98 milhão de toneladas e o Paraná 2,75 milhões. Mas ainda não são números definitivos. Além disso, parte desta produção apresenta qualidade inferior. Neste contexto, o Brasil deverá importar, pelo menos, 6,5 milhões de toneladas do cereal em 2019/20 (o USDA projeta 7,7 milhões na importação brasileira).

Dito isso, o mercado vem pesando a evolução do câmbio no Brasil. Com a forte desvalorização do Real nesta semana, as importações voltaram a ficar mais caras. A soma deste fator com a constatação de perdas na produção nacional começa a influir nos preços, mesmo em momento de colheita, a qual avança para o seu final. Ou seja, nota-se que já há espaço para recuperação dos preços internos do trigo diante destes fatores citados.

Enfim, a produção total do Mercosul, apesar dos percalços climáticos, deverá bater recorde histórico, chegando a 27,34 milhões de toneladas, contra 26,8 milhões no ano anterior. Deste total, o bloco irá exportar 14,87 milhões de toneladas, sendo que boa parte será intra-bloco, com o Brasil se constituindo no grande comprador.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 24/10/2019 a 14/11/2019.

